

Comunicação de ciência em Portugal: a perspetiva dos cidadãos

**Policy
Brief
2020**



Recomendações para decisores e comunicadores em Portugal

Sobre o projeto

O CONCISE Papel da comunicação de ciência nas perceções e crenças dos cidadãos europeus sobre ciência é um projeto de investigação que procura compreender o papel que a comunicação de ciência desempenha na origem das crenças, perceções e conhecimento sobre questões científicas.

Para alcançar este objetivo geral do CONCISE foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1 Aumentar a nossa compreensão de como as crenças, perceções e conhecimento de questões relacionadas com a ciência e tecnologia emergem entre os cidadãos europeus.

2 Rever os obstáculos estruturais atuais que os cientistas e outras partes interessadas em Investigação e Inovação, incluindo os decisores políticos, enfrentam atualmente quando tentam comunicar a ciência com sucesso.

3 Avaliar os modelos existentes para o ensino de comunicação científica para comunicadores e cientistas na Europa, e analisar como elaborar um plano de ação, incluindo recomendações e as questões que devem ser exploradas.

4 Permitir a participação ativa do cidadão nos processos de pesquisa científica, em consonância com o conceito de investigação e inovação responsáveis (RRI), empregando uma metodologia de consulta pública.

5 Aferir a perceção positiva ou negativa dos cidadãos que participam na consulta pública sobre um conjunto de histórias relacionadas com a ciência.

Duração: dezembro de 2018 - janeiro 2021

Coordenação: Universidade de Valência, Espanha

Parceiros: Observa (Itália), FyG Consultores (Espanha), Faculdade de Economia e Sociologia da Universidade Łódź (Polónia), Universidade de Trnava (Eslováquia), Danmar Computers (Polónia), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Portugal), Asociación Española de Comunicación Científica (Espanha), Studies Centre on Science, Communication and Society da Universidade Pompeu Fabra (Espanha)

Financiamento: Comissão Europeia, H2020 – SwafS (GA n.º 824537)

O método central do projeto CONCISE é a consulta pública a uma centena de cidadãos de cada país participante: Portugal, Espanha, Itália, Polónia e Eslováquia

As discussões nas consultas centraram-se em **quatro tópicos científicos**: Alterações Climáticas, Organismos Geneticamente Modificados (OGM), Vacinas e Medicinas Alternativas e Complementares (MAC). As discussões tomaram em consideração as atitudes e as crenças dos cidadãos em relação à ciência, e foram estruturadas em torno de **três objetivos principais**: como os cidadãos se informam; a confiança e a credibilidade da informação científica; e propostas para melhorar a comunicação de ciência.

A consulta em Portugal teve lugar em novembro de 2019 no Centro Cultural de Belém e envolveu 102 participantes, de todo o país, com idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos. Esforçámo-nos por alcançar um grupo diversificado de participantes, ainda que não fosse uma amostra representativa da sociedade portuguesa, garantindo diferentes pontos de vista. Embora tivéssemos uma sobre representação de mulheres e pessoas com ensino superior, conseguimos assegurar diversidade em termos de situação e ocupação profissional, distribuição regional e nacionalidade. As discussões seguiram um guião comum e foram gravadas e integralmente transcritas. As transcrições foram sujeitas a análise segundo uma estrutura de codificação idêntica para assegurar a posterior comparação dos resultados. Este Policy Brief é sustentado nesta análise e as citações dos participantes são ilustrativas.



Como os cidadãos se informam

Para os participantes em Portugal, os media tradicionais, e sobretudo a televisão, continuam a ser a principal fonte de informação científica. Os participantes mencionaram em particular telejornais, debates e documentários. O segundo canal de informação mais frequentemente mencionado é a imprensa escrita, em particular jornais de qualidade e revistas de divulgação científica. Alguns participantes mencionaram também revistas científicas. O acesso aos canais académicos e em línguas estrangeiras (jornais, revistas, emissoras de televisão) é naturalmente mais comum entre os participantes com níveis de ensino superiores e com profissões científicas.

Em termos de meios digitais, o Facebook é de longe o canal mais referido pelos cidadãos, seguido pelo YouTube e Instagram. Isto vai ao encontro das estatísticas sobre os utilizadores destas plataformas em Portugal, pelo que pode não ser específico da informação relacionada com a ciência. A preferência pelos meios digitais é também ligeiramente mais frequente nas gerações mais jovens, mas todos os participantes eram utilizadores da Internet. Um número significativo de participantes mencionou a Internet em geral, bem como os motores de busca. Alguns identificaram websites específicos, tais como agências governamentais, plataformas relacionadas com a ciência, ou blogs.

Quanto às fontes de informação, as mais frequentemente mencionadas, são peritos, como profissionais de saúde, seguidos por outros cidadãos e cientistas. Fontes governamentais, bem como instituições do sistema de saúde e académicas são também fontes relevantes. Algumas mencionaram também organizações da sociedade civil, empresas, e escolas.

O nível de familiaridade com os tópicos é muito variado. Em geral, e à exceção das alterações

climáticas, os participantes declaram possuir poucos conhecimentos e falta de informação sobre os tópicos discutidos. À percepção de que existe um excesso de informação em alguns temas, não corresponde necessariamente o sentimento de estarem bem informados sobre o assunto.

As circunstâncias pessoais assumem um papel muito relevante no interesse e conhecimento dos cidadãos sobre determinados tópicos. A sua profissão (ou área de estudo, no caso dos estudantes) pode pô-los em contacto direto com certos temas. As experiências pessoais, relacionadas por exemplo, com um historial de vacinação dos filhos com ou sem efeitos secundários, podem fomentar opiniões e atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação às vacinas.

Percepções sobre se a comunicação científica é suficiente ou insuficiente, boa ou má, são também afetadas pela forma como os cidadãos se sentem informados sobre os tópicos e o acesso que têm à informação. Os participantes que se sentem menos familiarizados com os tópicos tendem a achar a informação confusa, enviesada ou enganosa. Os participantes mais conhecedores tendem a considerá-la superficial, sensacionalista, imprecisa e a estar mais atentos à circulação de notícias falsas. Estas diferenças são também fortemente influenciadas pelo nível de educação dos participantes.





As **Alterações Climáticas** são o tema em relação ao qual os participantes portugueses demonstraram um maior nível de familiaridade e interesse. É frequentemente abordado nas notícias e documentários e os cidadãos associam-no a acontecimentos recentes, tais como as inundações em Veneza em outubro de 2019. Os níveis de negacionismo em Portugal são baixos e são poucos os céticos em relação ao clima. Os cidadãos discutem este tópico com amigos e partilham informações sobre o mesmo. Os cidadãos referiram também o nome de alguns cientistas portugueses (Filipe Duarte Santos, Luísa Schmidt), figuras públicas internacionais (Al Gore, Greta Thunberg), e políticos (Trump, Bolsonaro), bem como organizações internacionais (ONU, IPCC). É o único tópico onde mais pessoas referiram existir um excesso de informação. Ao avaliar a qualidade da comunicação científica, os cidadãos queixam-se tanto da superficialidade e sensacionalismo das notícias, como da falta de informação prática sobre o que fazer para combater as alterações climáticas.



O tema dos **OGM** é claramente aquele em que os portugueses sentem estar menos informados e revelam um interesse moderado. Tem estado ausente dos meios de comunicação social já há algum tempo e o último evento recordado pelos participantes é a destruição por ativistas de um campo de milho geneticamente modificado na parte sul do país em 2007. Como canal de informação os cidadãos referem sobretudo os documentários e como fonte os cientistas. Alguns mencionaram os rótulos dos bens de consumo, em particular dos alimentos. Os cidadãos também referiram que a polarização da informação entre empresas (por exemplo, Monsanto) e organizações da sociedade civil (por exemplo, associações de consumidores, ativistas anti-OGM, ONGA) dificulta a comunicação científica. A informação existente sobre o tema é também considerada demasiado complexa.



As **vacinas** são um tema com particular relevância para alguns grupos sociais, tais como os pais de crianças ou os idosos (vacina da gripe). A informação sobre este tópico é mais frequentemente acedida através de meios tradicionais do que nos meios digitais, e é mais discutida entre os membros da família do que entre amigos ou colegas. As agências governamentais nacionais e os profissionais de saúde são as fontes de informação preferenciais. Apesar das taxas de vacinação elevadas no país, os cidadãos consideram que há falta de informação sobre o assunto. Os cidadãos estão conscientes da circulação de notícias falsas sobre o tópico, mas alguns consideram também que a informação oficial pode ser tendenciosa, mencionando o peso dos lobbies farmacêuticos.



As percepções dos cidadãos sobre **Medicinas Alternativas e Complementares** dividem-se entre os que as consideram científicas e aqueles que não as entendem deste modo. Para alguns, são crenças pseudocientíficas, para outros, fontes legítimas de cuidados de saúde. Assim, tanto os médicos como os profissionais de MAC são mencionados como fontes de informação. As experiências pessoais de utilização de MAC, bem como os anúncios de produtos de saúde são fontes de informação não mencionadas nos outros tópicos. Os cidadãos também referiram como fonte, instituições académicas e escolas. A maioria das pessoas declara ter muito pouco conhecimento sobre o tema, mas também pouco interesse, enquanto que aqueles com uma posição forte (a favor ou contra) foram mais ativos na discussão. A comunicação científica sobre a MAC é vista como tendenciosa (polarizada entre os interesses dos médicos convencionais e alternativos) e imprecisa.

Eu sou professora e sou coordenadora concelhia de saúde. E a Direção Geral de Saúde manda-me quase todos os dias emails a aconselhar sempre a vacinação das crianças nos meios escolares e referenciar os meninos que não estão vacinados.



”

Eu penso que há um excesso de informação. Há excesso de informação. É uma espécie de dilúvio. E depois, temos que enquadrar isto na nossa vida. O grande problema... O nosso grande problema é essencialmente falta de tempo. Nós não temos tempo para pensar nisto. Para discutir. A informação é muita. E nós não conseguimos discernir a informação que há.

Como os cidadãos se informam: recomendações

Recomendações para os decisores políticos

- * Promover o debate público e informação sobre tópicos científicos que têm sido negligenciados e sobre os quais o público tem pouca informação (por exemplo, OGM, MAC, mas também tópicos emergentes, tais como biologia sintética, energia do hidrogénio, inteligência artificial);
- * Envolver comunicadores profissionais da ciência em agências e departamentos governamentais para transmitir de forma mais eficaz mensagens e recomendações de base científica;
- * Criar apoios à produção de programas científicos em canais de televisão públicos em horário nobre.

Recomendações para profissionais (comunicadores, cientistas, instituições)

- * A comunicação científica deve ser adaptada às especificidades dos temas: formatos e conteúdos;
- * A comunicação científica deve ser adaptada aos diferentes níveis de interesse e conhecimento do público (desde o público científico amador até ao público em geral);
- * Uma vez que, entre os meios de comunicação tradicionais, a televisão é o canal de informação científica preferencial, aumentar a produção e difusão de conteúdo científico neste meio, não só documentários, mas também programas e debates dedicados a temas científicos;
- * Os meios digitais de comunicação social são um canal de comunicação científica em rápido crescimento (particularmente para atingir públicos mais jovens), os comunicadores devem investir mais na produção de formatos específicos de divulgação científica (vídeos, infografias) e tirar partido da comunicação bidirecional proporcionada pelas plataformas digitais.

A confiança e a credibilidade da informação científica

Os participantes também partilharam as suas perceções sobre confiança e desconfiança na informação científica. Este é um tema particularmente relevante em função do atual contexto de disseminação de desinformação sobre os mais variados temas. A confiança e a credibilidade são fundamentais para a comunicação de ciência, na medida em que afetam a atenção e a aceitação que os cidadãos atribuem à informação e aos especialistas. É a partir desta aceitação que estruturam os seus apoios à tomada de decisão assente na evidência científica e ajustam atitudes/comportamentos individuais.

Os cidadãos confiam na informação científica, especialmente quando esta provém de organismos oficiais do Estado e de cientistas. Estas tendem a ser entendidas como as fontes mais confiáveis, em oposição às empresas que são vistas como atores que disseminam informação pouco fiável. A confiança nos meios de comunicação tradicionais também é elevada no caso das alterações climáticas, uma vez que há muita informação científica disseminada através de noticiários ou de documentários. Os profissionais de saúde são considerados como sendo uma fonte de informação muito fiável quando o tema são as vacinas. No caso da MAC, as relações interpessoais atuam como um barómetro de confiança, uma vez que os cidadãos tendem a valorizar o feedback positivo dos outros, as sugestões dos profissionais, e as suas experiências individuais bem-sucedidas.

Os canais digitais são frequentemente percecionados como contendo informação científica menos credível, especialmente em comparação com os meios tradicionais. As redes sociais, em particular, são recorrentemente entendidas como canais favoráveis à disseminação e circulação de notícias falsas.

Isto está associado ao facto de que qualquer pessoa pode publicar uma opinião, permitindo que ideias duvidosas sejam facilmente

partilhadas e que as discussões se polarizem com base em fontes que são muito difíceis de rastrear e verificar.

Uma maior ambiguidade surge associada a figuras públicas e aos profissionais das medicinas alternativas, que são frequentemente percecionados de forma dúbia e contraditória. Alguns cidadãos acreditam que podem ser uma fonte de informação credível, enquanto outros pensam o contrário. Neste caso, a confiança e a desconfiança dependem sobretudo de interpretações e compreensões individuais muito subjetivas.

A regulamentação é, também, entendida como uma questão de comunicação científica, uma vez que a validação ou certificação institucional afeta a confiança e dá incentivos para o comportamento individual.

Por último, os cidadãos afirmam que não são capazes de ser peritos em todos os tópicos, necessitando de delegar a avaliação sobre a credibilidade das fontes em terceiros. Maioritariamente consideram que mesmo que eles próprios consigam fazer essa avaliação, outras pessoas não serão capazes de o fazer. Muitos afirmam desenvolver diferentes estratégias para os ajudar a dar sentido à informação, especialmente proveniente de canais digitais, designadamente verificação das fontes (desmascarar informação falsa, ou aprofundar informação sobre um assunto) ou triangulação (comparar a mesma informação em diversas fontes).





Nos últimos anos, as **Alterações Climáticas** têm sido um dos temas mais relevantes das sociedades globais. Devido à sua natureza transnacional, as perceções dos cidadãos não são apenas referidas à escala nacional, expondo desconfiança na governança climática levada a cabo em países como os EUA ou o Brasil. Os cidadãos mostraram uma profunda preocupação ambiental, acreditando que os fortes impactos resultantes das alterações climáticas estão a ter impactos imediatos. Recorreram aos cientistas e à ciência para validar essa perceção, acreditando na evidência científica como o grande determinante para a construção da confiança. Alguns cidadãos também mencionaram o papel de ativistas e de figuras públicas - Al Gore ou Greta Thunberg - como importantes influenciadores com capacidade para mobilizar e influenciar seguidores enquanto divulgam informações científicas sobre as alterações climáticas.



A confiança nos especialistas da área é muito elevada no tema das **vacinas**. Assim, os cidadãos confiam profundamente nas instituições de saúde e nos seus profissionais – tanto médicos como enfermeiros – seguindo as suas recomendações relativas à saúde individual, mas também demonstrando preocupação com a saúde pública. Ou seja, olham para a vacinação enquanto uma responsabilidade coletiva partilhada. Portugal apresenta uma das mais elevadas taxas de cobertura vacinal, mostrando que a maioria dos cidadãos cumpre o Programa Nacional de Vacinação. Além disso, muitos cidadãos acreditam erroneamente que este programa de vacinação é obrigatório.



Os cidadãos percecionam a informação sobre **OGM** como relevante, não só para apoiar as opções alimentares individuais, mas também enquanto uma questão de saúde pública e com impacto na biodiversidade. Focaram-se maioritariamente nas técnicas de produção alimentar levadas a cabo por atores privados (empresas) cujo principal objetivo é lucrar com a sua atividade empresarial. Por conseguinte, a ideia de benefícios económicos e lobbies de empresas privadas na divulgação de informação científica sobre este tema tem um efeito negativo na perceção dos cidadãos. Consideram que as empresas são fontes pouco credíveis tanto na divulgação direta da informação como no financiamento da investigação científica.

Normalmente, eu tomo atenção. Se é um especialista eu dou mais atenção, se é um jornalista eu dou muitíssimo menos, porque lá está... há os tais interesses económicos por detrás e eu nunca sei quando é que a notícia sai enviesada e, portanto, eu dou algum privilégio aos especialistas e aos cientistas



Apesar de um sentimento geral de confiança sobre a informação científica nos temas anteriores, nas **Medicinas Alternativas e Complementares** a discussão sobre a credibilidade da informação científica é muito mais controversa e polarizada. Isto parece derivar da ausência de um claro posicionamento institucional, que permite maior subjetividade no processo de construção da confiança, uma vez que os cidadãos valorizam sobretudo as experiências pessoais positivas/negativas – dos próprios, ou de amigos, colegas e familiares. Mesmo aqueles que confiam no sucesso das práticas alternativas denunciam casos de charlatanice e exigem maior certificação institucional. Por último, este campo é tão vasto que os participantes mostram entendimentos divergentes sobre as diferentes práticas em discussão, evidenciando níveis de confiança dissemelhantes entre as mesmas (por exemplo, maiores no caso da acupuntura do que na homeopatia ou no reiki).



Em quem confio é no médico! No médico como veículo do que a ciência fez, do trabalho por detrás.



Têm de ser os organismos oficiais para dar credibilidade... compete-lhes a eles salvaguardar a saúde pública.

A confiança e a credibilidade da informação científica: recomendações



Recomendações para decisores políticos

- * Centralizar a informação validada e credível sobre tópicos científicos controversos, com o apoio do Sistema de Ciência e Tecnologia, através de bases de dados, websites, verificação de factos, ou lojas de ciência;
- * Criar um organismo de supervisão para certificar a informação em tópicos relevantes onde a desinformação e as notícias falsas abundam;
- * Promover campanhas de sensibilização para alertar para os perigos da desinformação;
- * Promover programas para aumentar a literacia digital, que permitam desenvolver estratégias de avaliação da informação (como aprofundar, verificar e triangular informação);
- * Disponibilizar informação clara e facilmente acessível sobre a regulamentação existente sobre diferentes práticas de MAC.



Recomendações para comunicadores de ciência (comunicadores, cientistas, instituições)

- * Dar destaque a mediadores reconhecidos e credíveis (cientistas, comunicadores de ciência, jornalistas, profissionais de saúde) que possam interpretar e selecionar informação científica sobre questões concretas;
- * Aquando da disseminação e da informação científica, identificar claramente os autores (centro de investigação, cientistas) do estudo e as fontes de financiamento;
- * Incentivar os comunicadores de ciência a explicar melhor como a ciência é feita em termos de métodos e técnicas para que os cidadãos compreendam os fundamentos da construção da ciência.

Propostas dos cidadãos para a comunicação de ciência

Na última parte dos debates, os participantes deram a sua opinião sobre como melhorar a comunicação científica dos diferentes tópicos. As sugestões dos cidadãos centraram-se em diferentes dimensões, não mutuamente exclusivas:

Acessibilidade: Sugestões relacionadas com a necessidade de tornar a linguagem e a mensagem científica mais compreensível para os cidadãos.

Exemplos: utilização de linguagem simplificada e apelativa, acessível ao público em geral; adaptação da linguagem e conteúdo a públicos específicos, utilização de comunicação visual para melhor transmitir ideias; criação de programas e utilização de formatos específicos para determinados grupos da população (crianças, jovens, idosos).

Curadoria: Sugestões relacionadas com a necessidade de disponibilizar informação relevante aos cidadãos.

Exemplos: tornar a informação facilmente acessível através de repositórios; criar plataformas (institucionais) onde os cidadãos possam facilmente encontrar informação relevante e credível sobre tópicos específicos.

Visibilidade: Sugestões relacionadas com a necessidade de valorizar a importância da ciência e de lhe dar proeminência social.

Exemplos: programas relacionados com a ciência em horário nobre; ter cientistas em programas de grande audiência; a importância de ter comunicadores reconhecíveis e credíveis nos meios de comunicação de massas.

Literacia e Pensamento Crítico: Sugestões relacionadas com a necessidade de dar aos cidadãos competências para compreender e interpretar a informação científica.

Exemplos: programas relacionados com a ciência em todos os níveis educacionais (desde o jardim-de-infância até à universidade); formação em literacia científica para jornalistas, programas educativos para melhorar o pensamento crítico e avaliar melhor a informação falsa.

Conhecimento prático: Sugestões relacionadas com a necessidade de partilhar informação prática e concreta.

Exemplos: notícias relacionadas com a ciência devem incluir ações concretas que os cidadãos podem fazer e explicar quais as consequências pessoais de certas ações/questões; os rótulos devem incluir informação relevante para ajudar os cidadãos a fazer melhores escolhas.

Envolvimento direto: Sugestões relacionadas com a necessidade de criar oportunidades para os cidadãos se envolverem com os cientistas e de participarem em debates científicos.

Exemplos: formatos específicos que colocam cientistas e estudantes de ciências em contacto com os cidadãos; iniciativas locais; oportunidades de colocar questões; consultas públicas.

Reconhecimento formal: Sugestões relacionadas com a importância da regulamentação e de práticas de certificação para orientar os cidadãos em questões científicas.

Exemplos: regulamentação estatal sobre tópicos de particular relevância; a necessidade de certificação educacional e profissional em certas áreas.



Por ser considerado um tópico de grande relevância social, as sugestões para melhorar a comunicação científica sobre as **Alterações Climáticas** cobrem todas as dimensões identificadas, sendo que é dada especial atenção às questões da acessibilidade e da visibilidade. De acordo com os cidadãos, a informação relacionada com as alterações climáticas tem de ser adaptada às necessidades de grupos específicos, comunicada de uma forma acessível, e deve ter mais destaque tanto no currículo escolar como nos meios de comunicação de massa. Os participantes também sublinharam a importância de uma abordagem mais direta, sugerindo iniciativas que promovam o envolvimento ativo entre instituições, cientistas e cidadãos e que tenham em consideração o impacto das Alterações Climáticas nas diferentes comunidades locais. Em termos de mensagem, os cidadãos consideram importante incluir informação prática sobre o que os cidadãos podem fazer para contribuir para a mitigação das Alterações Climáticas, mas também tornar explícita a forma como estas terão impacto nas suas vidas.



Os **OGM** são um tópico sobre o qual as pessoas têm menos informação e menos sugestões. Os cidadãos salientam o papel dos cientistas na disponibilização de informação para o público em geral e como um contraponto à informação divulgada por empresas privadas. O seu reduzido conhecimento sobre o tema leva-os a salientar a importância de ter a informação sobre esta questão partilhada numa linguagem acessível, mas também a inclusão deste tema no currículo escolar (por exemplo, na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento). Pedem também melhores práticas de rotulagem sobre OGMs em produtos alimentares, a fim de poderem fazer escolhas de consumo com base no conhecimento científico.



As sugestões relacionadas com **vacinas** centraram-se principalmente na relação entre o sistema de saúde e os cidadãos. São dirigidas principalmente a instituições de saúde (DGS, centros de saúde, autoridades locais), e enfatizam o papel que estes desempenham na informação e no envolvimento dos cidadãos com este tema. As crianças são identificadas como um grupo-alvo importante, e muitas propostas referem a necessidade de desenvolver iniciativas nas escolas, envolvendo cientistas e/ou profissionais de saúde. Em termos de meios de comunicação, para além do envolvimento direto dos profissionais de saúde, os cidadãos destacam o papel da televisão para chegar à população em geral, mas também a importância da utilização de diferentes formatos de comunicação - digital e analógico -, como aplicações digitais, folhetos, linhas telefónicas especializadas ou podcasts, para chegar às populações de difícil acesso.



Devido ao seu estatuto híbrido enquanto assunto de carácter científico, as **Medicinas Alternativas e Complementares** não reuniram tantas sugestões como outros tópicos. A principal questão para os participantes (tanto os defensores, como os céticos) é o desejo de uma regulação clara e mais extensa para o setor. O reconhecimento formal é visto tanto como uma forma de credibilizar o sector e acabar com práticas fraudulentas. Os cidadãos também sugeriram a necessidade de dar aos profissionais de medicina convencional mais informação e formação relacionada com a MAC para promover uma medicina que integre as duas perspetivas. Em termos de mensagem, referem que a informação sobre MAC é muito dispersa e que, nesse sentido existe a necessidade de promover a literacia científica para os cidadãos poderem avaliar a sua base científica.

É preciso levar essa comunicação às escolas, aos professores e aos alunos. Entidades fora da escola cientificamente habilitadas, mas também comunicacionalmente habilitadas também para levarem um conjunto de informação às escolas.

Cada canal de televisão devia ter uma hora específica para falar sobre estes temas. Que é a única hipótese que existe! Não é a falar num telejornal, superficialmente, no tema, e depois parou!... sei lá, meia hora que fosse, especificamente para falar sobre estes temas na televisão. Só para falar sobre estes temas, que é muito importante. Se isto não for a televisão, não vale a pena.



”

Se a mensagem não for passada de uma forma simples, não é simplória, é simples, se não houver ali uma descodificação da linguagem, não chega às pessoas.

Propostas dos cidadãos para a comunicação de ciência: recomendações



Recomendações para decisores políticos

- * Incluir mais oportunidades para discutir questões científicas nos programas escolares e formação de pensamento crítico em todos os níveis de ensino;
- * Introduzir práticas claras de rotulagem e certificação baseada em evidência científica nos bens de consumo (incluindo medicamentos) para ajudar o consumidor a fazer escolhas informadas;
- * Incentivar e formar profissionais de saúde para comunicar aos cidadãos a informação científica sobre temas de saúde



Recomendações para profissionais (comunicadores, cientistas, instituições)

- * Criar mais oportunidades para cientistas e estudantes de ciências se envolverem diretamente com o público em geral;
- * Organizar iniciativas participativas que envolvam ativamente os cidadãos nos debates científicos;
- * Promover a formação em literacia científica para quem trabalha na comunicação científica (jornalistas);
- * Incluir na comunicação de ciência informações práticas que as pessoas se possam relacionar (o que podem fazer, como vão ser diretamente afetadas, etc.);
- * Estar atento às necessidades específicas de grupos dentro da população (sociais e territoriais);
- * Conceber formatos específicos para atingir novas populações alvo e de difícil acesso;
- * Criar plataformas de referência que agreguem conteúdos sobre tópicos científicos específicos com linguagem acessível.



2020 Policy Brief

WEBSITE DO PROJETO

<https://concise-h2020.eu>

O CONCISE NAS REDES SOCIAIS



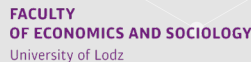
@ConciseEU



YouTube

Concise European Project

Consórcio



Autores: Ana Delicado, Jussara Rowland, João Estevens, Mónica Truninger, Roberto Falanga, Luísa Schmidt

ISBN: 978-972-671-646-4

O conteúdo deste relatório não reflete a opinião oficial da União Europeia nem dos seus Estados-Membros. A responsabilidade pelas afirmações e opiniões expressas neste relatório recai inteiramente sobre os seus autores.

Créditos: Icons made by Freepik from www.flaticon.com



Este projeto recebeu financiamento do programa de investigação e inovação da União Europeia Horizonte 2020 (GA nº 824537)